

Pontos de contato, fontes de conflito: a experiência imperialista em Cuba

Maria do Carmo Luiz Caldas Leite*

Resumo: Este artigo objetiva refletir acerca da experiência imperialista em Cuba, que teve um impacto decisivo na forma pela qual os estadunidenses passaram a projetar seu poder para fora de suas fronteiras. Trata-se de um estudo de aproximação etnográfica, sobre as tentativas de norte-americanização da Ilha, dentro da escalada de conflitos no prolongado encontro dos cubanos de todas as classes com os vizinhos do Norte nas primeiras décadas do século XX e seus desdobramentos após a vitória revolucionária de 1959. A principal evidência deste exercício reflexivo aponta que a história da Ilha, acossada pelo imperialismo desde 1898, produziu uma cultura contra-hegemônica de características autóctones, não obstante a presença de ameaças à sua manutenção por parte das políticas de cunho imperialista.

Palavras-chave: Independência de Cuba. Neocolonialismo. Imperialismo.

Resumen: Este artículo pretende reflexionar sobre la experiencia imperialista en Cuba, que tuvo un impacto decisivo en la forma en que los estadounidenses comenzaron a proyectar su poder fuera de sus fronteras. Se trata de un estudio con enfoque etnográfico, sobre los intentos de norteamericanizar la Isla, dentro de la escalada de conflictos en el prolongado encuentro entre cubanos de todas las clases y sus vecinos del Norte en las primeras décadas del siglo XX y sus desarrollos posteriores a la victoria revolucionaria de 1959. La principal evidencia de este ejercicio reflexivo señala que la historia de la Isla, asediada por el imperialismo desde 1898, produjo una cultura contrahegemónica con características autóctonas, a pesar de la presencia de amenazas a su mantenimiento por parte de políticas imperialistas.

Palabras-chave: Independencia de Cuba. Neocolonialismo. Imperialismo.

Abstract: This article aims to reflect on the imperialist experience in Cuba, which had a decisive impact on the way in which the Americans began to project their power outside their borders. This is a study with an ethnographic approach on the attempts to North Americanize the Island, within the escalation of conflicts in the prolonged encounter between Cubans of all classes and their Northern neighbors in the first decades of the 20th century and its developments after the revolutionary victory of 1959. The main evidence of this reflective exercise points out that the history of the Island, besieged by imperialism since 1898, produced a counter-hegemonic culture with autochthonous characteristics, despite the presence of threats to its maintenance by imperialist policies.

Keywords: Cuban independence. Neocolonialism. Imperialism.

* Doutora e mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS).

Introdução

El mundo tiene dos campos: todos los que aborrecen la libertad, porque sólo la quieren para sí, están en uno; los que aman la libertad, y la quieren para todos, están en otro.

José Martí

Procedendo à análise dos pontos de contato e fontes de conflito da experiência imperialista na Ilha¹, é fundamental destacar que a República em Cuba surgiu como resultado de 30 anos de lutas, quando pereceram cerca de 400 mil cubanos, ou seja, um terço da população do país na época. A Guerra de Independência sinalizou o empenho dos EUA em afirmar seus interesses econômicos e geopolíticos, culminando na ocupação militar de Cuba (1898 – 1902) e nas tentativas contínuas de processos de norte-americanização, que tiveram um impacto decisivo na forma pela qual os estadunidenses passaram a projetar seu poder para fora de suas fronteiras. Do ponto de vista político, todas as classes sociais em Cuba, de forma ativa ou passiva, no fim do século XIX, repudiavam o regime colonial. A burguesia, ainda que colaborasse com a insurreição, estreitava contatos com os EUA e os instava a intervir nos conflitos.

Quando se somam os meios utilizados pelos vizinhos do Norte, observa-se um microcosmos da experiência imperial no mundo: intervenção armada e ocupação militar; elaboração de uma constituição; penetração do capital e saturação cultural; instalação de regimes títeres e formação de classes políticas; organização de exércitos que atuem em seu nome; imposição de tratados vinculantes; estabelecimento de base militar permanente; assistência econômica ou a sua negação, segundo requeiram as circunstâncias. De acordo com Pérez Junior (2018), a intervenção dos Estados Unidos (EUA) na Ilha a partir de 1898 foi celebrada como resultado das qualidades que os estadunidenses mais admiravam em si: o apoio à liberdade como uma questão imanente, ou seja, deles próprios, e a convicção de que seus propósitos morais eram razão suficiente para impulsionar o uso da força em outros países.

Com o fim do colonialismo espanhol, a maioria da população nos campos e na periferia das cidades foi excluída do acesso à educação e distanciada do modo de vida das elites, que tentavam libertar-se do comando estadunidense, mas sem perder os privilégios de classe. A discriminação étnica foi institucionalizada pelo neocolonialismo, sendo que o racismo generalizado por meios legais e informais tornou-se uma necessidade imperiosa aos mecanismos de poder e dominação. A efusão moderni-

¹ A República de Cuba está localizada no mar do Caribe (ou mar das Caraíbas). Ainda que sejam usuais as referências a Cuba como uma ilha, na realidade trata-se de um arquipélago.

zante da capital cubana não conseguiu conter a escalada de conflitos e de revoluções inconclusas durante o prolongado encontro dos cubanos de todas as classes com os vizinhos do Norte nas primeiras décadas do século XX.

A presente investigação está vinculada à trajetória de estudos de cunho etnográfico realizados na Ilha nas últimas quatro décadas, que permitiram transitar entre a observação e a análise, entre a teoria e a empiria, entre os sentidos e a interpretação. A longa permanência no campo de pesquisa propiciou múltiplas reflexões sobre um complexo processo histórico-cultural que intercomunica sujeitos e épocas. As incursões realizadas em Havana, mas não exclusivamente, incluíram a participação em assembleias, manifestações políticas, congressos acadêmicos, eventos esportivos, marchas e comemoração de datas festivas, além das atividades cotidianas, públicas e privadas, compreendidas não como cenários, mas como registros de momentos significativos à construção da pesquisa. As incontáveis conversas informais com cubanos das mais diversas características sociais, ocupação, idade, local de moradia e procedência geográfica propiciaram uma experiência de complexa mensuração. O levantamento da investigação foi realizado através de consultas a vários centros de documentação, museus e bibliotecas em Havana (Cuba) e Tampa (Flórida, EUA), realizadas em períodos intercalados entre julho de 1986 e agosto de 2023.

Procedendo à análise da experiência cubana, é fundamental o papel do legado do jornalista, político, ensaísta, professor e poeta considerado o apóstolo nacional de Cuba, José Martí (1975), perpassando os períodos colonial e da pseudorrepública, até a atualidade. No tocante aos estudos das relações entre Cuba e EUA no período de 1850 a 1959, considero a obra do professor estadunidense Pérez Junior (2016, 2018) basilar ao entendimento das tentativas de dominação através da Educação e da Cultura perpetradas contra Cuba. Para compor o escopo deste trabalho, destaco como indispensável o estudo do antropólogo cubano Fernando Ortiz (2002), em que o conceito estruturante de transculturação está intimamente ligado à *cubanidad*, oferecendo uma chave interpretativa aos processos enfocados na pesquisa aqui retratada. Por fim, saliento, de forma especial, Florestan Fernandes (2007), que elaborou um minucioso quadro teórico da experiência cubana, desde suas origens até a implantação do poder popular.

O texto encontra-se dividido em quatro seções que abordam desde a mescla de sangues e culturas, passando pelos confrontos ideológicos da primeira metade do século XX, os caminhos da Broadway à Revolução Cubana e o desenvolvimento das desavenças entre Cuba e EUA. A seção inicial é momento no qual se analisa a importância das raízes históricas que se desenvolveram com a chegada dos espanhóis e a edificação da “*cubanía*”, a concretização do caráter insular, que vem dando pautas às

atitudes do povo cubano em todas as épocas. Busca-se descrever a conjuntura que influenciou o pensamento autóctone nos séculos do colonialismo espanhol e do neocolonialismo. A seguir, na segunda seção, desenvolve-se um enfoque interpretativo do prolongado encontro dos cubanos de todas as classes com os estadunidenses, no início do século XX, que passou a ocupar um espaço claramente consolidado na construção da nacionalidade insulana quando Cuba se configurou como laboratório dos métodos globais do imperialismo. A falsa política panamericanista almejava tomar nas suas mãos a “fruta madura”. Durante a República Mediatizada, a Educação converteu-se em um instrumento de norte-americanização. Na terceira seção são colocadas em relevo a influência cultural estadunidense, que se metabolizou na sociedade cubana, até a conversão da Ilha em um centro da delinquência internacional, sob a tirania de Fulgêncio Batista, condições que ensejaram o início da revolução vitoriosa em 1959. A última seção trata dos enfrentamentos desencadeados pelas primeiras medidas do governo revolucionário até a promulgação das leis extraterritoriais que visam sufocar economicamente a experiência socialista em Cuba. Pondera-se sobre o papel central ocupado pelos EUA e a trajetória que propiciou a inevitabilidade do conflito de interesses, desatando um dos bloqueios econômicos mais profundos da história. Por fim, encaminhamos o desfecho do artigo procurando caminhos que levem a uma compreensão mais abrangente do microcosmos da experiência imperial no mundo, a pequena Ilha de Cuba.

A mescla de sangues e culturas

A história de Cuba comporta intrincadas transculturações, sendo o cubano definido como o resultado inacabado da mistura de distintos grupos que chegaram à Ilha, em um enredamento das correntes que haviam circulado desde o século XV através do Atlântico e dos três continentes. Os africanos de etnias diversas, procedentes de muitas regiões, desde o Senegal, Guiné, Congo e Angola, com suas culturas destroçadas, foram transplantados ao mundo nas correntezas humanas, esporádicas ou contínuas, originais dos mais variados lugares, junto aos espanhóis, lusitanos, norte-americanos e até mongóis. Cada imigrante desarraigado de sua terra contribuiu ao movimento de formação do povo cubano, no processo denominado *cubanidad*.

O processo histórico, semelhante ao da maioria das Antilhas, fez com que concorressem à consolidação da *cubanía* três correntes fundadoras: a indígena, dos povos nativos, a espanhola, dos colonizadores, e a africana, dos homens escravizados. Uma profunda tarefa de séculos, caracterizada por mesclas de sangues, sonhos e conflitos, coagulou a sociedade formada por retalhos. O processo societário cubano mostra a

acumulação de riquezas da oligarquia submissa aos signos da aristocracia ibérica, responsável pela revolução agrícola, que conduziu o país à posição de primeiro produtor mundial de açúcar.

A miscigenação foi facilitada em razão do papel exclusivamente doméstico das mulheres na Espanha. Os colonizadores, quase todos homens, costumavam amancebar-se com as servas, gerando filhos. A mistura espanhola-africana deixou marcas na *cubanía*, a concretização do caráter insular alicerçado desde as origens do país, a raiz da pátria, que brotou de baixo, entre os nascidos e crescidos, sem retorno, nem recuos, com a alma enraizada em Cuba. Os casos de retorno à África eram raros. Os negros tinham que prontamente perder a esperança de voltar às suas casas. Em sua nostalgia, não puderam pensar em repatriamento ou em descanso ao fim de vida. O colonizador branco, antes mesmo de chegar a Cuba, já pensava em seu retorno. Se ele veio, foi para voltar rico e talvez enobrecido, porque tinha, por sua família na Península Ibérica, sentindo-se por um longo tempo ligado à Espanha.

Por inúmeras ocasiões os espanhóis recorreram ao poderio estadunidense para conter as revoltas populares. Em 1843, a rebelião, encabeçada pela negra Carlota e um grupo de escravos insurgentes, teve repercussão internacional. Iniciada a insurreição, apareceu no porto de Havana uma corveta da Marinha de Guerra dos EUA, a *Vandalia*, a pedido do Encarregado de Negócios de Espanha em Washington, para aplastar a revolta. Carlota foi presa e, ainda viva, amarrada a quatro cavalos, tendo morrido por esquarteramento em março de 1844.

Pequena, Cuba foi a ilha mais cobiçada pelos estrangeiros interessados no domínio estratégico da região. As lutas de independência em Cuba começaram em 1868, sob a liderança de um setor minoritário da burguesia *criollo*², expoente do pensamento liberal radicalizado, em forma e conteúdo, que incluía a abolição da escravidão e o estabelecimento de uma república democrática. Após 30 anos de lutas, iniciadas em 1868, revitalizadas de forma pujante por Martí, o colapso do colonialismo espanhol era iminente.

José Martí (1853 – 1895), filho de pais espanhóis, iniciou sua participação política escrevendo em jornais separatistas. Com a prisão de seu mestre Rafael Mendive, cristalizou-se em Martí a atitude de rebeldia contra a dominação espanhola. Em 1869, foi condenado a seis anos de trabalhos forçados, mas passou somente seis meses na prisão, pois conseguiu permutar a pena pela deportação à Espanha. Entre 1881 e 1895, viveu em Nova Iorque, porém, foi no México, na Guatemala e na Venezuela que

2 A palavra *criollo*, em espanhol, significa pessoa nascida na América, filha de pais europeus, radicalmente distinto do termo “crioulo” em uso no Brasil atual, para designar um indivíduo negro.

alcançou o mais alto grau de identificação com a autoctonia da América. Influente na intelectualidade hispano-americana no final do século XIX, Martí percebeu que a libertação de Cuba não poderia acontecer sem a união do povo e de todos os setores da sociedade. Nos últimos anos de sua vida, regressou aos EUA, país estrangeiro onde mais tempo viveu, dando continuidade às suas atividades no campo cultural e jornalístico, mas, principalmente, dedicando-se à preparação do regresso à Ilha e da guerra de independência. Em 1895, Martí partiu de Nova York a Cuba para se juntar às tropas comandadas pelo general Máximo Gómez, mas no dia 19 de maio desse mesmo ano, no vilarejo de Dos Rios (Cuba), morreu em combate, sem ver concretizado o sonho de sua vida.

A revolução cubana contra os ibéricos teve um cunho popular, com o Exército Mambí, composto por negros recém-libertos e trabalhadores livres. A heterogeneidade da população de Cuba foi momentaneamente eliminada, pois o povo em armas foi à guerra empenhado em um enérgico esforço. No entanto, o regionalismo, o racismo e o caudilhismo impossibilitaram o alcance dos objetivos estabelecidos. Mas foram criadas as bases para forjar a nacionalidade cubana, e o acirramento dos conflitos provocou o surgimento de uma consciência nacional. Havia chegado a hora de “[...] encarnar a ação e a história do *ethos* patriótico, iluminado pela poesia e pelo pensamento cubano” (VITIER, 2011, p. 42).

Os homens e mulheres trazidos da África não aceitavam mansamente a exploração até os limites da resistência. A sua forma de luta era a evasão aos *palenques* situados nos montes. A violência corporal impregnou na memória do povo um sentimento de angústia marcante na identidade cubana. Em razão dos açoites, muitos escravizados – os *cimarrones* – fugiram às montanhas, deslocados da possibilidade de exercer a cidadania. Mais de um milhão de africanos foram levados à Ilha, número significativo, desde o século XVIII até 1886, ano da Abolição. Quando os *cimarrones* desceram das montanhas, tentaram retornar ao convívio do povo. Entretanto, ironicamente, continuavam cativos nos engenhos em troca de comida nas barracões de outrora.

O expirar do século XIX foi marcado não apenas pelas lutas contra o colonialismo espanhol em Cuba, mas evoluiu para a guerra hispano-americana, com a entrada dos EUA no conflito. O “estopim” foi a explosão do U.S.S. Maine em fevereiro de 1898. Enviado a Cuba para uma visita de cortesia, o navio de guerra norte-americano explodiu ancorado em Havana, matando 260 marinheiros. Contudo, o poder naval provou-se decisivo, permitindo que as forças expedicionárias estadunidenses chegassem a Santiago de Cuba para atacar a Esquadra do Caribe, já fragilizada por causa dos ataques de revoltosos cubanos (ACOSTA MATOS, 2005).

Em 1º de janeiro de 1899, foi baixado o pavilhão da Espanha do Palácio dos Capitães Gerais em Havana, pondo fim à dominação colonial. Em seu lugar, foi hasteada a bandeira dos EUA, que despontava como potência imperial no cenário do mundo. Com o fim das hostilidades, a chamada Emenda Platt³ oficializou o direito a intervenções militares e a autorização aos EUA para arrendar as terras necessárias às bases navais. Aprovada em 2 de março de 1901 e convertida em apêndice da Constituição Cubana de julho do mesmo ano, essa emenda colocou a Baía de Guantánamo sob o controle imperialista até os dias de hoje. O Tratado Permanente de Reciprocidade, assinado em 22 de maio de 1903, constituía uma relação comercial específica, o que terminou por vincular fortemente as importações e as exportações da Ilha, sobretudo do açúcar, aos mercados estadunidenses. A presença de tropas dos EUA, após a eleição do primeiro presidente cubano, em 1902, era um expediente comum, requerido pelos próprios governantes cubanos sempre que os conflitos ameaçavam a ordem.

Um sentimento generalizado de frustração marcou a república, porque a maioria dos cubanos comparava as primeiras décadas do século XX com o projeto dos independentistas. Nesses termos, é compreensível a continuidade da luta revolucionária em Cuba, uma vez que os cubanos teriam sentido a necessidade de prosseguir os embates como um dever frente ao que viam como um aborto. A independência de Cuba, frustrada pela intervenção militar estadunidense em conluio com a burguesia *criolla*, trouxe à tona um forte racismo e não assegurou as demandas dos afro-cubanos que lutaram contra a Espanha. A ocupação de Cuba consolidou a reorganização do sistema político em função de interesses neocoloniais. Nesse bojo, a influência estrangeira significou a interrupção, entre outras questões, do legado pedagógico dos pensadores cubanos, entre eles Martí.

O neocolonialismo em Cuba, na primeira metade do século XX, foi marcado pela dependência econômica, pela monocultura do açúcar, destinada a um único mercado, o dos EUA; pela miséria social, composta por desemprego, analfabetismo, prostituição, corrupção; e pelo predomínio da opressão política, social e cultural: intervenções militares e imposição dos valores culturais do país dominante. Mecanismos diversificados de apropriação comercial deslocavam para fora de Cuba os frutos do complexo agropecuário, representando uma cruel reprodução da ordem neocolonial no melhor estilo imperialista, que oprimia a classe trabalhadora cubana rural e urbana. Desde que puseram os pés na Ilha, os estadunidenses praticaram a falsa política panamericanista para tomar nas suas mãos a “fruta madura”. Em resumo, a fruta alcançou seu máximo estado de amadurecimento e passou das mãos da *madre pátria*,

3 A Emenda Platt foi redigida por Elihu Root (secretário de Estado do presidente McKinley) e apresentada ao Congresso dos EUA pelo senador Orville H. Platt (PINO-SANTOS, 1983).

como diziam os peninsulares no início do século XIX, às mãos da madre desnaturalizada (COMISIÓN DE HISTÓRIA DEL SINDICATO SNTECD, 2002).

Em alusão à inevitabilidade do futuro de Cuba quando se desprendesse da Espanha, Martí escreveu ao amigo mexicano Manuel Mercado que o objetivo de sua luta era: “[...] *impedir a tiempo, con la independencia de Cuba, que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América*” (MARTÍ, 1975b, p. 250).

Independentes, do ponto de vista político, as nações latino-americanas foram lançadas em uma situação de dependência estrutural diante das potências capitalistas, tendo como encargo fornecer matérias-primas e produtos agrícolas para a Europa e os EUA. A vivência de milhares de camponeses excluídos do acesso à educação distanciava-se muito do modo de vida das elites, que tentavam libertar-se do domínio estrangeiro, mas sem perder seus privilégios de classe nem sua posição de dirigentes do projeto nacional. Martí (2011, p. 328) referiu-se a esses como “[...] homens cautelosos que queriam gozar da liberdade, sem pagar o seu sangrento preço”.

O projeto defendido pela elite *criolla* via de forma pejorativa a imigração de haitianos, fato que fomentou o ideal racista de branqueamento através de incentivos à imigração europeia. Os conflitos raciais culminaram com o *masacre de los independientes de color* em 1912, quando foram assassinados cinco mil negros na região oriental de Cuba. O racismo e o plano hegemônico pelo imperialismo estadunidense não garantiam a integridade dos afro-cubanos. Com a repressão celebrada pelas figuras políticas do país, o mito da igualdade racial ficou sem apoio popular na Cuba republicana. Premonitória, a Revolução Haitiana provocou nos extratos dominantes um alerta contra qualquer experiência emancipadora. A burguesia cubana, assumindo atitudes racistas desde seu nascimento, era acometida por profundo pavor quando circulavam as notícias de uma possível expedição rumo a Santiago, partindo do Haiti.

A convulsão econômica provocada pela 1ª Guerra Mundial aumentou de forma abrupta os preços do açúcar, convertendo Cuba em um atraente polo de imigrantes em busca de emprego. Um número significativo de espanhóis conformou um novo fluxo migratório, que criou as condições de trabalho na indústria agrária exportadora.

Em 1940, o antropólogo cubano Fernando Ortiz utilizou, pela primeira vez, a comida típica cubana – o *ajiaco*⁴ – como imagem metafórica da identidade nacional. Da culinária emergiu a ideia transculturação. Respondendo à própria pergunta retórica – “O que é a *cubanidad*?” –, Ortiz (2002, p. 3) cunhou a expressão: “Cuba

⁴ *Ajiaco* é um prato típico, de valor identitário especial, pois simboliza a formação do povo cubano por antonomásia. É produzido com uma mistura de carnes imersas em manteiga, cebola, alho, tomate, salsa, pimentão, limão, abóbora, milho, batata doce e mandioca.

é um *ajiaco*". Para ele, o guisado mais complexo da Ilha, a mestiçagem ou a *mulatez* eram os fenômenos histórico-sociais por meio dos quais foi tecida a *cubanidad*, para dar sabores ao denso caldo cubano.

Entretanto, quem contribuiu à formação desta mescla? Os elementos procedentes das distintas culturas são básicos no caldeirão dos trópicos, fundador da *cubanía*, uma "solidariedade cultural" no lugar de uma "homogeneização das diferenças". O característico de Cuba era o "cozimento", um processo de transformação permanente dos produtos na panela aberta, para compor o *ajiaco*, de procedência indígena, espanhola e africana, ao passo que as novas tecnologias norte-americanas tinham servido para melhorar as possibilidades de cocção. Os cubanos não descartam nenhum produto para esse precioso caldo.

Os confrontos ideológicos da primeira metade do século XX

Na construção do pensamento marxista cubano, entre outras, surgiram as figuras insurgentes de proletários e intelectuais como Baliño, Mella, Villena e Blas Roca.

Carlos Baliño (1848 – 1926) conhecido em Cuba como *el Viejo Roble*, provavelmente conheceu Martí no ano de 1888, em Cayo Hueso, onde trabalhou como *vocal*⁵ do *Gremio de Escogedores*. Segundo Kapcia (2008), cada fábrica tinha um pequeno púlpito em madeira, visível a todos, onde o leitor se instalava. Muitas vezes o posto de leitura transformava-se em tribuna ideológica, o que molestava os proprietários das fábricas e, sobretudo, o colonizador espanhol. A princípio, os proprietários opunham-se à ideia, mas acabaram por perceber que o leitor garantia um certo nível da paz industrial. Entusiasmados com as aventuras que os livros escondiam, muitos operários decidiam aprender a ler e a escrever, fazendo dos funcionários das tabaqueiras uma das categorias operárias mais cultas no final do século XIX.

Ao longo das décadas de 1880 e 1890, um expressivo contingente de famílias cubanas se uniu à força de trabalho nos EUA, incluindo um número crescente de mulheres em Tampa e Cayo Hueso, que aceitavam empregos humildes para sobreviver. As donas de casa trabalhavam como lavadeiras, costureiras ou cozinheiras. As *criollas* cubanas admiravam a liberdade com que as mulheres norte-americanas po-

⁵ *Vocal*, segundo os cubanos, é uma das melhores profissões do mundo, em que é possível ler enquanto se trabalha. Hoje, são cerca de 300 os leitores nas fábricas de charutos cubanos, e a sua função mantém-se inalterada. A rotina dos trabalhadores, que enrolam as folhas de tabaco, é: pela manhã, a imprensa diária, à tarde, um clássico da literatura, de preferência com muito amor e drama, sobretudo os romances como *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, que ajudavam a alimentar a consciência social dos trabalhadores. *Romeu e Julieta*, de Shakespeare e o *Conde de Monte Cristo*, de Dumas, são os mais populares.

diam comprar, passear e viajar sozinhas, porque nada disso era permitido em Cuba. Segundo Pérez Junior (2016, p. 50), a vantagem é que “[...] os cubanos têm uma grande facilidade para assimilar imediatamente ao país aonde vão”.

A militância de Baliño foi reconhecida por seus textos publicados no jornal *La Tribuna del Trabajo*, de Tampa, onde contribuiu como cofundador do primeiro grêmio obreiro *Caballeros del Trabajo* e na fundação de Ybor City (Tampa, EUA). Obrigado a abandonar o bairro dos tabaqueiros cubanos em Tampa por conta da sua rebeldia e da aversão patronal, percorreu quase todo o sul dos EUA, período durante o qual se relacionou com trabalhadores socialistas. Ao conhecer os textos marxistas, compreendeu que a problemática não se reduzia tão somente a lograr a independência do colonialismo espanhol, mas também se imporia em reverter a ordem social imperante (CANTÓN NAVARRO, 2008).

Os acontecimentos assumiram múltiplas expressões à medida que os cubanos buscavam novas formas de articular sua insatisfação com a experiência imperialista na Ilha. A participação popular havia se revelado o motor da guerra da independência cubana. Entretanto, o protagonismo dos trabalhadores não se traduziu em um movimento autônomo, em um contexto de pouca diversificação econômica, que restringia a organização da classe trabalhadora. O operariado provinha majoritariamente dos tabaqueiros organizados nos EUA. Finalizada a guerra necessária, sem a obtenção da real independência em razão da intervenção estadunidense, quando o Exército Libertador praticamente tinha assegurada a vitória, Baliño regressou a Cuba, onde somente encontrou emprego em setores clandestinos, com mísero salário, porque a discriminação de que eram objeto os operários cubanos marxistas por parte da *Sociedad de Escogedores*, em mãos de espanhóis, o impediu de trabalhar nas oficinas de tabaqueiros. Baliño vinculou suas lutas à defesa de uma sociedade sem classes, baseada na socialização dos meios de produção, em concomitância com o pensamento de Martí. A sua vida foi uma demonstração clara do entrelaçamento histórico entre marxistas e martianos (CANTÓN NAVARRO, 2008).

Recorrendo ao pensamento marxista, Baliño não se limitava a defender todos os cubanos, mas todos aqueles que eram presas da exploração, pois considerava que a revolução poderia realizar-se por via pacífica e não pacífica, porém, durante a maior parte de sua vida, declarou-se não ser partidário de métodos violentos, ainda que não negasse sua utilização se fosse imprescindível. A grande mostra da carga humanista de Baliño foi o texto publicado em 1925, motivado pelos suicídios de crianças trabalhadoras da indústria têxtil no Estado de Massachusetts. Nessa época, a tuberculose era frequente entre os impúberes, inclusive em menores de seis anos, que trabalhavam diariamente por mais de 14 horas, feito que dava magnânimos dividendos

aos capitalistas. Baliño (1976) apontou a existência de homens e de mulheres que se assombravam ao escutar tais narrativas, porém se espantavam muito mais quando se dizia que essa tragédia é um efeito que não pode se suprimir se não se suprime a causa fundamental e única, o abominável regime que consagra o direito à propriedade acima do direito à vida.

O triunfo da Revolução Socialista na Rússia, em 1917, repercutiu em toda a América Latina e em Cuba. O ambiente de renovação cultural vivenciado em Cuba a partir de 1920 implicou a redescoberta das raízes autóctones dos embates contra a dominação estrangeira. Grandes movimentos proclamados pela juventude na América Latina do período pós-Primeira Guerra empreenderam um forte traço geracional, que favoreceu as lutas em Cuba pela recuperação do ideário martiano. A política da oligarquia *criolla*, a partir da crise globalizada do modelo neocolonial, passou a restringir a produção agrícola e industrial à esfera açucareira, mediante a cartelização, tendo o sistema educativo se convertido em instrumento de norte-americanização, enquanto as organizações do magistério, como lutadores anti-imperialistas, adotaram a Martí como o paradigma da educação nacional. O ideário pedagógico martiano manteve-se na palavra cotidiana dos professores, que inscreveram na memória das crianças seus *Versos Sencillos*, procurando forjar nas novas gerações os ideais de soberania nacional e o rechaço à opressão. Contra os poderes da época, durante a República Mediatizada, começou a produzir-se, paulatinamente, a recuperação da imagem de Martí entre os herdeiros do frustrado projeto antes anticolonialista e agora anti-imperialista.

Nos primeiros lustros do século XX, diversos setores da sociedade se inquietavam frente à gritante invasão cultural, que solapava os valores da cubania com marcada penetração de ideias norte-americanas. Como advertiu Martí (1975a, p. 93), “[...] nenhum povo é dono do seu destino, se antes não é dono de sua cultura”.

O ensino público permaneceu em estado de deterioração crescente, caracterizado pelo conservadorismo, fato que gerou inúmeras expressões de desacordo nos setores progressistas em defesa da escola pública. Nos anos de 1920, cresceu o número de escolas particulares, enquanto as escolas públicas permaneciam no desprestígio, desacreditadas entre todas as classes sociais. O sistema educativo estatal se expandiu sem a confiança do povo, visto como incapaz de preparar os jovens para os desafios do futuro. Entre as décadas dos anos 20 e 40 do século passado, na pseudorrepública, constatou-se a existência de uma luta ideológica entre duas tendências pedagógicas contrapostas: de um lado, a progressista, que representava os interesses do povo, e, do outro, a tendência pedagógica reacionária, das classes dominantes. Na imaginação popular, as escolas privadas prometiam vantagens raramente associadas às públicas.

As famílias modestas da classe obrera se restringiam em outros gastos para que seus filhos pudessem frequentar as escolas privadas, relacionadas às promessas de segurança econômica no futuro (PÉREZ JUNIOR, 2016).

Em momentos de intensificação das forças repressivas do imperialismo, a educação e a cultura se converteram em meios de clamor popular e de protesto. A capacidade das estruturas estadunidenses para reordenar a moral e a base econômica na Ilha se incrementou de tal forma que a relação entre Cuba e EUA adquiriu uma lógica de dominação imperial. O jornal *El Delta*, de Nova Orleans, planteava o desaparecimento da língua espanhola em Cuba. Segundo Cupull e González (2017, p. 88), “[...] sua linguagem será a primeira a desaparecer, porque o idioma latino bastardo não poderá resistir por muito tempo ao poder competitivo do robusto e vigoroso inglês”.

Nos esportes, se organizavam equipes masculinas e femininas de *baseball*, *volleyball* e *basketball*. Durante mais de cinco décadas, milhares de estudantes cubanos se formaram nesse ambiente, desde o primário até o pré-universitário. Os centros educacionais representaram um papel definitivo, em que se copiava o ambiente escolar dos vizinhos ao norte. Foi inaugurada em 1920, na cidade de Havana, pelo educador Hiram Ruston, a primeira escola norte-americana na América Latina, originalmente focada na preparação dos filhos de americanos residentes. Em Cuba, a Ruston Academy rapidamente se transformou em uma escola bilíngue, com um corpo discente multinacional. A Ruston expandiu-se ao incluir o programa de negócios, o inglês para estudantes cubanos e o colégio interno. O governo dos EUA avaliou, desde o início, que os resultados dessas escolas norte-americanas deveriam ter um cunho de formação de valores e, para tal, facilitavam o financiamento de estudos. Ao compartilhar as experiências com colegas estadunidenses, os cubanos estariam desenvolvendo, desde a infância, uma atitude de amizade com os vizinhos do Norte que nenhuma propaganda adversa seria capaz de erradicar (BAKER, 2007).

No seio do movimento estudantil, surgiu Julio Antonio Mella (1903 – 1929), que participou da maior parte das insurgências transcendentais de Cuba em seu curto arco de vida. Um ano depois de seu ingresso na *Universidad de La Habana*, em novembro de 1922, Mella fundou a *Federación Estudiantil Universitaria*, no calor das reformas anticlericais e anti-imperialistas desenvolvidas na América Latina, que defendiam a autonomia na universidade, a maior participação estudantil e o reconhecimento do direito de organização dos alunos. A similitude entre as ideias de Martí e Mella em relação à *Nuestra América* realçava a imprescindível emancipação cultural dos povos, com a retomada da insurgência como princípio educativo. O seu objetivo era estender os conhecimentos universitários aos trabalhadores, ideia que contou com a aceitação entusiasta de docentes e outros intelectuais progressistas.

Mella participou na fundação da Universidade Popular José Martí, com o objetivo de levar às camadas mais excluídas da sociedade o que deveria ser a herança de todos os seres humanos: a cultura livre (CUPULL e GONZÁLEZ, 2010).

No ano de 1925, quando da fundação do Partido Comunista de Cuba, Mella insistia que era necessário meditar acerca da adaptação criativa da essência do marxismo, dada pelo método dialético, às condições históricas específicas da Ilha e à busca de soluções em um processo autóctone. Assim, foi principalmente através de Baliño e Mella que houve um empenho no interior do partido de valorizar a tradição nacional, a partir da integração do ideário de Martí às ideias de Marx, Engels e Lenin. Porém, tal esforço não parecia unânime no interior do partido, uma vez que, como a maioria dos partidos comunistas da América Latina aderiu a 3ª Internacional, a influência maior passou a ser do socialismo soviético. Para Mella, “[...] não era possível implantar em nosso meio, cópias servis de revoluções feitas por outros homens, em outros climas” (VARONA DOMÍNGUEZ, 2013, p. 186).

Em 1926, o jovem líder foi expulso da universidade em razão de suas atividades revolucionárias, ocasião em que fez uma greve de fome. Após este fato, exilado no México, fundou a Associação de Novos Emigrantes Revolucionários Cubanos, voltada à construção de uma ponte entre operários e estudantes que, tendo emigrado por causas distintas, reconheciam no desterro a necessidade de unificar-se em um ideal socialista para independentizar Cuba. Depois do assassinato de Mella no exílio, por ordem do então presidente de Cuba, Geraldo Machado (1869 – 1939), as reivindicações fundamentais, tanto entre os intelectuais como entre o povo mais simples, eram a abolição da Emenda Platt, o estreitamento dos nexos da libertação nacional ao projeto socialista e a união do projeto martiano às ideias marxistas do século XX (MARTÍNEZ HEREDIA, 2001).

Transcorria o ano da grande crise econômica de 1929, que se refletia no estancamento da indústria açucareira, das fábricas de tabacos, do turismo e da exportação de frutas, o que se somou à excessiva carga fiscal para enfrentar as dívidas com os banqueiros estadunidenses contraídas pelo governo de Machado, um militar que entrou na presidência com ampla popularidade. Durante sua administração foram realizadas obras monumentais, como o Capitólio de Havana e a Rodovia Central. No entanto, seu apoio diminuiu ao longo do tempo, desde que reformou a Constituição de 1901 para permanecer no poder. Nesse clima de convulsão, o advogado, escritor e líder revolucionário Rubén Martínez Villena (1899 – 1934) dirigiu uma rebelião popular anti-imperialista para a derrubada de Machado, o “asno com garras”.

Nesse contexto, Landaburo Castrill (2005) analisa que a situação econômica em Cuba, durante os anos 20 e 30 do século passado, era típica de um país neocolonial

e dependente; país agrário, onde coexistiam relações pré-capitalistas e relações capitalistas, baseadas na penetração do capital estrangeiro monocultor, monoexportador e atado às necessidades econômicas dos EUA. Com o distanciamento dos costumes europeus, a privilegiada classe cubana se deixou levar por ideias e costumes norte-americanos, à medida que os trabalhadores eram subjugados. Tudo era digno de ser imitado aos olhos das famílias dos latifundiários.

Na República neocolonial, os movimentos populares e as organizações políticas começaram a agitar-se de forma ativa, e a decorrência foi a eclosão de uma nova revolução em Cuba nos anos de 1930. O avanço das ideias socialistas e os governos de perfil nacionalista na América Latina, em especial as lutas de Augusto Sandino na Nicarágua, a Coluna Prestes no Brasil e a Revolução Mexicana de 1910-1917, abriram novas perspectivas ao continente, situação que fez recrudescer as medidas antipopulares e a força repressiva contra os setores progressistas na Ilha (GUERRA VILABOY, 2006).

Nas três primeiras décadas do século XX, a dominação imperialista atuou com acelerada penetração na economia cubana de grupos financeiros dos EUA. Na concepção de Cirules (1995, p. 16), a capital cubana ofereceu-se à máfia norte-americana como “[...] o mais esplendoroso dos paraísos”, com o turismo, a prostituição e os jogos ilegais organizados. Esse tipo de negócio cresceu de tal maneira que Cuba era considerada um importante centro da delinquência internacional e a “Meca da pornografia”. As empresas de mafiosos que operavam em Cuba eram especializadas em *shows* de erotismo em clubes noturnos. Muitas pessoas não ocultavam a sua inquietação, porque a Ilha se transformava em um lugar licencioso, de prostitutas e proxenetas, políticos corruptos e ladrões, de cabarés e de cassinos. Tratava-se de uma cidade transculturalizada no Mediterrâneo americano.

No cenário, a luta contra o fascismo como negação absoluta do humanismo foi constante para pensadores marxistas cubanos, entre eles Blas Roca Calderío (1908 – 1987). Em meados da década de 1940, ele apontou a necessidade de criação de um Estado verdadeiramente capaz de conquistar a unidade do povo cubano. No seu entendimento, a obra revolucionária de transformação não teria um caminho puro e não seria feita pelas minorias:

A aspiração dos pensadores marxistas cubanos era alcançar nos marcos de uma democracia burguesa e, pacificamente, os câmbios para beneficiar as massas populares e particularmente os obreiros. Esta era a via possível de fato, não incorreta teoricamente, tendo em vistas o marxismo, que poderia ser frutífera em dependência das condições objetivas internas e externas. Como já ocorreu, não poucas vezes na história, o problema estava na absolutização. No marco desta limitação, há que destacar-se um traço meritório dos comunistas cubanos em não perderem seu ideal, não deixarem de pensar no socialismo, no governo dos obreiros e, como antessala imprescindível, na liberação da pátria. (VARONA DOMÍNGUEZ, 2013, p. 203).

Da Broadway à Revolução Cubana

Durante toda a primeira metade do século XX, inúmeros escritores e intelectuais da Ilha estudaram ou viveram nos EUA. Os herdeiros das notáveis famílias cubanas viajaram ao Norte para receber educação escolarizada, inclusive os filhos de José Martí e de Antonio Maceo.

Os estudos ao Norte estavam cheios de esperanças e promessas, era a ocasião de aprender inglês e ser versado em métodos e habilidades requeridas para ter êxito em um ambiente econômico dominado pelos métodos norte-americanos. Essa educação proporcionava a preparação para assumir cargos de administração e de executivos em companhias estadunidenses. (BAKER, 2007, p. 457).

As aspirações da classe alta cubana estavam em Nova Iorque, o “[...] lugar das lojas mais chiques do mundo”. A experiência se repetia de uma geração à outra, porque as pessoas que haviam estudado nos EUA enviavam seus filhos ao Norte, formando migrações cíclicas – durante os bons tempos em que havia condições financeiras para passear, e nos maus tempos, quando tinham necessidade de procurar melhores condições de trabalho e estudo. O “Norte” era o lugar onde os cubanos se formavam e retornavam “feitos”. Muitos, como a primeira bailarina cubana Alicia Alonso, iniciaram suas carreiras em Nova Iorque. “Na década de 1930, estima-se que 40% da população cubana viveu nos EUA em algum momento de sua vida” (BAKER, 2007, p. 462).

As visitas anuais de dezenas de milhares de cubanos a Miami chegavam a converter-se em um ritual e transformaram a cidade da Flórida, que foi se moldando a uma configuração “latina”, com suas palmas reais e com a arquitetura colonial espanhola. Muitos regressavam aos seus lares com novos desejos e frustrados com o seu país, razão pela qual reagiam com inquietação. Em certas circunstâncias, a ida ao Norte podia minar a autoestima e debilitar os padrões nacionais:

Os modos norte-americanos estavam profundamente enraizados nas sensibilidades cubanas, porém tinham um impacto ainda maior sobre as susceptibilidades: as condições do Norte se mostravam sobre todas as coisas como um modo de viver e um estado mental – uma maneira de ser – de fato, uma combinação entre posição e atitude, entre decisão e convicção, entre confiança e segurança em si mesmo. Eram elementos fortes por sua associação com o êxito e com o status e, como era lógico, com as aspirações ao futuro. (BAKER, 2007, p. 473).

A alta burguesia pré-revolucionária, sob essa influência, batizava os seus membros de Billy, Joe e Bob. Falavam inglês, e o regresso era com frequência doloroso. “Ao voltar a Cuba queriam que o Paseo del Prado de Havana fosse a Broadway, Guanabacoa fosse a Filadélfia e Jesús del Monte fosse uma *downtown*” (BAKER, 2007, p. 471).

De acordo com Pérez Junior (2016), a crescente presença dos estadunidenses, com o *modus operandi* imperialista, introduziu câmbios profundos na sociedade cubana. A reputação de Havana como “*el distrito de luces rojas del Caribe*”, “*Las Vegas de la América Latina*” e “*burdel del Nuevo Mundo*”, ofendia a sensibilidade de parte dos cubanos, que se viam em meio ao gangsterismo importado e à desmoralização de Cuba, conhecida como o país do rum e da rumba. Entretanto, a maioria da população cubana tinha clara consciência de que essa situação não era somente provocada pela interferência externa.

Nós os cubanos temos vindo aqui em busca de liberdades pessoais, em troca da qual trouxemos talento, trabalho honesto e moral. Importamos conosco a grande indústria de fazer tabacos e temos levantado grandes cidades, Cayo Hueso, Ybor City e West Tampa [...] o que se deve ao constante trabalho produtivo dos cubanos generosos e obedientes à lei, que nunca pediram esmolas ao povo norte-americano. Em troca, tem contribuído ao tesouro de Estados Unidos com mais milhões de dólares do que qualquer indústria individual em todo o país, enriquecendo a comunidade de negócios e criando menos problemas aos tribunais de justiça nesse país do que quaisquer outros estrangeiros ou mesmo do que os nativos (MONTEJO, 2016, p. 117).

A Ilha que os norte-americanos condenavam nos jornais era sua própria criação, marcada pelo contraste entre os palacetes dos grandes latifundiários, o cotidiano dos cortiços, as péssimas condições de trabalho na indústria açucareira e os conflitos raciais. Os entretenimentos com feição estadunidense se propagaram por todo o país caribenho, com a crescente presença de orquestras contratadas para tocar em cabarés e clubes noturnos. Os músicos cubanos se adaptaram a essa tendência do mercado.

A música norte-americana chegava a Cuba por várias vias. Os filmes musicais de Hollywood foram muito populares durante as décadas de 1940 e 1950, desempenhando um importante papel. A rádio foi a chave de promoção desta música, tanto na programação local como em transmissões diretas desde os Estados Unidos. Em 1930, os cubanos importaram mais de meio milhão de discos. As vendas de vitrolas dispararam (PÉREZ JUNIOR., 2016, p. 439).

Com a penetração da língua inglesa, os cinemas passaram a ser chamados de *Majestic*, *Duplex* e *Roxy*, os hotéis, de *Blackstone* e *Park View*, e as lojas, de *Miami Store* e *Fifth Avenue*. A *bodega* era *grocery* e o salão de beleza conhecido como *beauty-parlor*. A crônica social estava repleta de *cocktail* e *parties*. Os edifícios *rascacielos* recebiam o nome de *penthouse*.

Os clubes de *baseball*, esporte que os cubanos chamam de *la pelota*, foram planejados para servir aos interesses das companhias norte-americanas, que os auspiciavam como forma de promover a disciplina, juntamente com o trabalho forte e coope-

rado. A cultura do *baseball* se fincou de tal maneira em Cuba, que, frequentemente, a vida cotidiana se concentrava nas disputas das grandes ligas dos EUA. As estruturas econômicas e as forças culturais facilitariam as imigrações gigantescas à Flórida depois de 1959. “No auge da insurreição contra Batista, os comandantes guerrilheiros faziam uma pausa em suas operações para escutar o jogo final da Série Mundial de 1957, entre Yankees de New York e Bravos de Milwaukee” (PÉREZ JUNIOR, 2016, p. 287).

Fulgencio Batista (1901 – 1973) foi presidente de Cuba em duas ocasiões: de 1940 a 1944 e de 1952 a 1959. Batista, de origem humilde, entrou no exército como soldado. Em 4 de setembro de 1933, liderou um golpe militar. Desde então, foi o homem forte de Cuba, até 1959, apoiado pelo exército. Em 1940, ele foi eleito presidente. Após a derrota eleitoral de seu partido nas eleições de 1944, foi para o exílio voluntário em Miami, de onde continuou a influenciar a política na Ilha. Voltou a aspirar novamente à presidência na eleição 1952, mas antes desta ocorrer, chefiou outro golpe de Estado, assumindo a posição de primeiro-ministro e depois de presidente provisório, até se tornar presidente nas eleições de 1954 (BRIONES MONTOTO, 2005).

Na década de 1950, o crime organizado assumiu o controle dos maiores hotéis e cassinos em Cuba. Dezenas de milhões de dólares foram investidos em instalações luxuosas, e os planos incluíam transformar a Ilha de Pinos em *Monte Carlo del Hemisferio Occidental*. No apagar das luzes do império norte-americano em Cuba, Lansky, que operava nos hotéis Montmartre, Sevilha, Internacional, Comodoro e Habana Hilton, proveu 14 milhões de dólares para construir o magnífico Hotel Riviera.

Meyer Lansky (Grodno, 1902 – Miami, 1983), um russo-americano aderente à máfia, apostou com sucesso em jogos de azar nos EUA. Internacionalmente, encorajou outros mafiosos a aplicarem dinheiro em Cuba; com o auge do turismo, começou a investir pesadamente na Ilha. Um ultrajado Lansky, quando se inteirou que Santa Clara havia sido tomada pelos rebeldes comandados por Che Guevara, em dezembro de 1958, deu ordem ao administrador dos cassinos para que levasse a seguinte mensagem aos seus funcionários:

Diga-lhes que é melhor levantar os traseiros e comecem em breve a pelear ou irão voltar a ser um monte de *jodidos come plátanos* tal como eram antes. Recordo-lhes que a única razão pela qual há encanamentos civilizados neste país é porque os americanos vieram em 1898 e golpearam os espanhóis até *la mierda de España*. O próprio palácio de Batista tinha o banheiro exterior até nós colocamos para dentro. A única razão pela qual Cuba tem um exército é que nós o criamos. Bom, é melhor começar a usá-lo ou vão terminar em uma esquina como começaram vendendo amendoim! Nós inventamos Havana e podemos muito bem levá-la para qualquer outro lugar, se ela não pode ser controlada. (PÉREZ JUNIOR, 2016, p. 535).

Diante dessa caracterização, os cubanos reagiram com indignação. Um povo que havia se proposto a estar na vanguarda da civilização ilustrada, encontrava-se, desde março de 1952, dirigido por gângsteres. Na entrada do ano de 1959, enquanto Batista se preparava para fugir à República Dominicana, muitos dos cassinos foram destruídos, incluindo os de Lansky. A vergonha se expressava com uma mescla de frustração e impotência. Novas narrativas sobre a nacionalidade estavam tomando forma na indignação dos cubanos:

Acreditam que somos um país atrasado, que não merece atenção, que não estamos capacitados à democracia e que não podem atuar de outra maneira diferente da que praticam contra nós. Não somos um povo de *borrachos*, ainda que fabriquemos o rum e bebamos. Tampouco somos um povo de perversões sexuais. Quem nos ensinou as corridas de cavalo? Quem instalou a roleta e o pôquer? Quem são os mais borrachos, os *criollos* ou os *yanquis*? Quem introduziu entre nós o *blackjack*⁶ arma grosseira usada pelos bandidos? A que veem a maioria dos turistas americanos a Cuba? A beber, a jogar, a fazer bravatas e a pisotear a lei! (PÉREZ JUNIOR, 2016, p. 535).

Foi a partir dessa conjuntura que Fidel Castro e um pequeno destacamento, autodenominado *Generación del Centenario*, de diversas procedências geográficas e sociais, adotaram a estratégia insurrecional. Para esse grupo de jovens, era impossível tolerar passivamente que, cem anos depois do natalício de Martí, reinasse na nação cubana o despotismo, e que isso sucedesse sem manifestações da rebeldia, que o próprio “apóstolo” da independência demonstrara desde sua infância e sua juventude.

Como havia ocorrido durante a frustrada revolução dos anos de 1930, o ideário martiano voltava a ser empregado, novamente, para fundamentar a necessidade de uma revolução dirigida às raízes da nacionalidade. Fidel declarou a Ramonet ⁷ (2006, p. 73):

Meu primeiro pensamento político foi martiano; mas quando houve o assalto ao Quartel Moncada, em 1953, eu já havia lido o suficiente sobre o socialismo, tinha um pensamento martiano desenvolvido e, além disso, ideias socialistas radicais. [...] A revolução cubana começou em 10 de outubro de 1868 e se estende ao longo da história.

Dada a tradição de lutas que desde a época da colônia caracterizou o oriente de Cuba, os insurgentes decidiram atacar os quartéis de Santiago. Do grupo, composto por 135 atacantes, 65 foram mortos, ao passo que a maioria foi feita prisioneira e tor-

⁶ Comum na década de 1940, *blackjack* é o nome da arma, um tipo de bastão extensível, usada pelos detetives particulares e capangas da máfia.

⁷ Entrevista-livro *Cien horas con Fidel* (título original) concedida ao escritor galego Ignacio Ramonet, em 2006.

turada. Fidel e um punhado de homens lograram refugiar-se nas montanhas, porém, em 1º de agosto de 1953, foram presos pelo exército de Batista.

O comandante do ataque ao Quartel Moncada havia manifestado, em muitas ocasiões, o rechaço à inoperância da oposição legal ao regime que, em plena Guerra Fria, limitava-se a denúncias no âmbito do Congresso. Nas palavras de Rodríguez (2018, p. 49):

A unidade entre as forças opostas à tirania a partir da desvinculação dos grupos reformistas, a necessidade de organizar os setores populares e brindar-lhes um programa que atendesse primordialmente aos reclamos de justiça social (terra, trabalho, educação e saúde) e verdadeira igualdade de oportunidades eram os elementos chaves do caráter martiano e fidelista de então.

Esses fatos não foram apenas uma maneira de expressar a consciência geracional, mas, sobretudo, sustentavam uma postura crítica acerca da sociedade e do imperativo de subverter os traços de decadência moral, de dependência externa, do estancamento econômico sobre uma base monoprodutora e monoexportadora, com crescente polarização social e aumento da miséria entre as classes trabalhadoras. A guerrilha do Movimento 26 de Julho representava muito mais que uma luta armada. “A sociedade cubana vivia um clímax revolucionário – ela parecia muito frágil, mas era imbatível, porque se tornara a herdeira e a parteira de uma guerra civil, que se atrasara no tempo, mas não em seu potencial revolucionário” (FERNANDES, 2007, p. 126).

O debate nos meios intelectuais serviu como via de criação a uma nova visão política, enquanto a luta armada contra Batista avançava, em um momento de grandeza da cultura cubana. Três grandes músicos do século XX - Benny Moré, Ernesto Lecuona e Bola de Nieve - produziam o melhor de suas obras. As artes plásticas reuniam grandes pintores e escultores, como René Portocarrero e Mariano Rodríguez. Nas vésperas do triunfo da revolução, Cuba estava no umbral das transformações que facilitariam um câmbio político radical.

Em 1958, os bens estadunidenses em Cuba representavam nada menos que 40% da produção açucareira, 90% dos serviços de eletricidade e telefonia, 50% das ferrovias e 23% das indústrias não açucareiras. Fernandes (2007, p. 73) definiu o país como “[...] um apêndice segmentar e especializado dos Estados Unidos”. Nos últimos meses desse ano, diante das investidas do exército rebelde, os arrivistas das forças armadas de Batista trataram de buscar um lugar favorável para seus interesses. Então, organizaram numerosas conspirações de última hora contra o barco que estava para afundar. Com elas, pretendiam salvar-se ou dar, quando menos, um golpe de efeito. Posteriormente, alguns desses oportunistas manifestaram seu apoio irrestrito à causa

revolucionária, ao que prontamente Fidel sentenciou: “Purificou-os o Jordão⁸ da Revolução” (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2018, p. 85).

Desenvolvimento de uma desavença

Em janeiro de 1959, começaram os ataques ao emergente nacionalismo reivindicador cubano, com uma série de esforços – tanto de âmbito interno como externo – para frustrar as aspirações de soberania dos rebeldes. Bastaram nove meses para que a revolução deixasse de ser vista como um movimento democrático-reformista, passível de absorção nos quadros da hegemonia estadunidense no hemisfério.

Na realidade, essa divergência começou muito antes de 1959, pois remonta ao início do século XIX, à identificação da classe burguesa açucareira com a ideia de anexação. Já nos primeiros dias do governo revolucionário, um conjunto de medidas foi adotado tendo em vista a concretização do programa político da revolução. A lei da reforma agrária, mais antifeudal que socialista, desatou um enfrentamento que perdura há mais de 60 anos.

O governo dos EUA replicou fortemente às medidas revolucionárias, embargando as exportações a Cuba. A resposta foi dada em 24 de outubro de 1960, quando o governo cubano nacionalizou 66 empresas norte-americanas. Para a revolução, iniciava-se uma nova etapa – não menos complicada e carregada de perigo – pois em janeiro de 1961, Washington, unilateralmente, ao romper as relações diplomáticas com Cuba, proibiu seus cidadãos de visitar a Ilha. Como resposta, em abril do mesmo ano, Fidel Castro proclamava o caráter socialista da revolução (BUCH e SUÁREZ, 2004).

Como resultado das primeiras medidas adotadas pelo movimento revolucionário, produziram-se mudanças nos latifúndios e nos ganhos do capital internacional em Cuba. Isso atingiu, principalmente, os interesses estadunidenses na Ilha, além de ter desencadeado uma série de agressões e retaliações que envolveram a tentativa de invasão pela Praia Girón e o estabelecimento de um bloqueio econômico, comercial e financeiro por parte do governo norte-americano contra Cuba.

Incluindo a frustrada invasão à Baía dos Porcos, diversas escaramuças são promovidas ou apoiadas por grupos de cubanos no exílio. Dentro disso, cabe destacar o isolamento ao qual Cuba foi submetida no seio da América Latina, quando, em julho de 1964, na Organização dos Estados Americanos (OEA), aprovou-se o término das relações diplomáticas e comerciais dos estados membros com a Ilha. Dessa forma,

⁸ O Rio Jordão nasce no Líbano, separando Israel e Jordânia e posteriormente Cisjordânia e Jordânia. Local de relevância bíblica, cujas águas eram aproveitadas por João Batista para batizar pessoas que se arrependiam de seus pecados.

restou à direção política ampliar o caminho de aproximação ao bloco socialista e incorporar-se ao grupo de países hegemônico pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e, posteriormente, membro do Conselho Econômico de Ajuda Mútua (Came), em um contexto mundial bipolarizado por duas grandes potências.

Outras evidências inseridas nessa tensão têm vínculo com os problemas migratórios. De acordo com Rodríguez Rivera (2005, p. 111), muitos profissionais migram, porém “[...] sempre ficam mais do que aqueles que necessitamos e os que partem, sabe-se, são capacitados e encontram, facilmente, emprego em qualquer país da América Latina”.

Mediante a Lei de Ajuste Cubano, promulgada em 1966, os EUA admitem a entrada ilegal dos cubanos, lhes concedem residência e a possibilidade de trabalhar. Alarcón de Quesada (2000, p. VIII) declara que seu objetivo é transformar o tema em ferramenta de permanente desestabilização.

Com relação às leis que se configuram como herdeiras da Emenda Platt e das possíveis soluções ao término das desavenças, Rodríguez Rivera (2005, p. 132) pondera que a tática dos oponentes à revolução e o programa por eles proposto “[...] resulta em demasia ameaçador aos cubanos ‘de dentro’ e para qualquer cubano que aspire manter a soberania de seu país”.

As ações exercidas contra Cuba não se enquadram na definição de “embargo”, ao contrário, transcendem e tipificam um bloqueio, a relíquia da Guerra Fria, superada há muito tempo:

No bloqueio, guerra de baixa intensidade, sem bombas e estado de sítio, morte lenta por asfixia, afeta-se o comércio, a saúde, a educação, o transporte, as comunicações, a tecnologia, a ciência, a produção energética, a produção industrial, a produção agrícola e, certamente, tudo isso incide de forma desfavorável na qualidade de vida do povo (MÉNDEZ TOVAR, 1995, p. 87).

Com a desintegração da URSS e o fim do CAME, o governo dos EUA, prevendo o isolamento ao qual Cuba ficaria submetida, tomou medidas que se conformaram na Emenda Torricelli, promulgada em 1993, com o objetivo de definir a política em relação a Cuba, supostamente pacífica e democrática, visando ao crescimento econômico no país caribenho. Quando entrou em vigor, em 1996, a Lei Helms-Burton, de caráter extraterritorial e imperialista, estabeleceu a suspensão de fundos às instituições financeiras que fizessem negócios com Cuba, medidas que continuam repercutindo fortemente sobre as condições econômicas e sociais na Ilha (GUERRA e RIVERO, 2004).

Desde o ano de 2002, uma parte da Base Naval da Baía de Guantánamo é utilizada para alojar prisioneiros suspeitos de ligações com a Al-Qaeda e os talibãs. Dado que a base se situa em Cuba, o governo dos EUA argumenta que as pessoas detidas em

Guantánamo estão legalmente fora de seu país e não desfrutam dos direitos constitucionais que teriam se fossem lá detidas. Em meio a algumas polêmicas marcadas por ambiguidades, a prisão e a base naval estadunidense permanecem abertas como um desafio ao povo e ao governo de Cuba.

Derradeiras considerações

Na história de Cuba, as relações com os vizinhos ao norte sempre apresentaram um papel de destaque, pois a pequena ilha é testemunha do nascimento, da expansão e da consolidação do poder estadunidense. Resultante de um longo passado de coragem e de devotamentos, a nação cubana foi e segue posta como o desafio mais imediato ao controle do imperialismo no Caribe.

A guerra hispano-americana, por sua rápida e efetiva duração, representou um significativo momento da política externa estadunidense. A expulsão da Espanha de sua última colônia nas Américas e a tomada de territórios no Oceano Pacífico impulsionaram o viés imperialista mundializado da geopolítica norte-americana.

As relações cubano-americanas fluíram dentro da dominação econômica do capitalismo monopolista imposta à pequena ilha até 1961. Romper a lógica do capital em Cuba implicava a consolidação da nascente revolução. As circunstâncias com que os cubanos emergiram na eufórica experiência revolucionária de 1959, com o potencial e a promessa de independência em um processo autóctone, conformavam uma inventividade sem limites. Superada a fase de encantamento recíproco entre intelectuais e políticos, das emoções libertas no interior da massa vilipendiada, após séculos de dominação, os confrontos surgiram pela própria dinâmica dos câmbios no país, que buscava um salto dialético imprescindível. Diante do imperativo de fazer evoluir a sociedade desde seus próprios valores, contraditoriamente, instalaram-se impulsos a um sistema fechado como resposta ao acosso contrarrevolucionário.

Na linha estática da Guerra Fria, os avanços na mobilização popular em Cuba, na reafirmação do socialismo, evitaram consequências mais graves nos anos após a extinção da URSS. Embora seja difícil como técnica historiográfica traçar paralelos, quando começaram a cair os regimes do Leste Europeu, o povo daquelas nações não se atirou às ruas para defendê-los. Com base nestas constatações, alguém poderia perguntar: como a Revolução Cubana se mantém de pé? Combinando os valores da nacionalidade com o socialismo, o movimento revolucionário cubano engendrou um discurso próprio, escavando raízes na sua história. O legado de Martí, entrelaçado às ideias de Marx, acabou por produzir uma recepção ao marxismo distinta daquela até então hegemônica no continente americano. A combinação desses fatores

provavelmente é o sustentáculo capaz de explicar a continuidade do regime, mesmo com a pressão internacional e o fortalecimento do bloqueio econômico, comercial e financeiro imposto a Cuba, que já afeta a quarta geração de cubanos. Nas últimas décadas, com a nítida dissipação do entusiasmo pelo papel do movimento revolucionário cubano perante a comunidade internacional, a ilha caribenha permanece como a relíquia de uma guerra desapiedada, supostamente aceita como fria, mas que se aquece sempre que necessário.

Em um fluxo constante, que não obedece a uma ordem de grandeza numérica regular, os cubanos encontraram ao norte a oportunidade de estudar e construir uma carreira, ainda que modesta. Ir aos EUA, desde meados do século XIX, parece ser a ambição de muitos jovens, e o desterro é uma espécie de predestinação. A experiência é tão familiar que se incorporou à condição cubana. Contrariando as percepções oriundas do senso comum, a aspiração de imigrar à nação estadunidense não é um fenômeno recente, mas, sim, uma ocorrência histórica secular, acirrada por “crises econômicas” em contraponto à “abundância de oportunidades” do gigante imperialista.

Em meio às situações adversas criadas no país, a memória constantemente avivada dos feitos históricos das revoluções inconclusas dos séculos XIX e XX vem atuando para aglutinar parcelas significativas da população, mesmo aquelas que, em algum momento, manifestaram reservas ao governo da Ilha. As discussões atuais em Cuba que permeiam todos os setores da sociedade cubana guardam uma significativa relação com questões econômicas e as tentativas constantes de agressões impostas ao país. Em meio às intimidações contra Cuba desde o exterior, é possível identificar alguns elementos que sinalizam a robustez de valores no sistema vigente, por meio da cultura de participação, dos comitês de defesa da revolução, dentro da democracia participativa que a sociedade socialista almeja ou, até mesmo, persegue, não obstante a presença concreta de ameaças à sua sustentação por parte das políticas de cunho imperialista.

As principais evidências desse exercício reflexivo apontam que a história da Ilha produziu uma cultura contra-hegemônica de características autóctones, com distintas marcas no sistema educacional, o alicerce fundamental da construção do socialismo. Frente a um denso legado forjado durante séculos, os cubanos sentem, desde algum lugar de si próprios, um reclamo de honra insuflado pelos exemplos, uma vez que as crianças crescem ouvindo nas escolas as narrativas das lutas contra a dominação estrangeira. O que talvez torne esta constatação relevante é o arcabouço presente na essência dos cubanos, que tem relação direta com o fluxo histórico de dupla dimensão: uma fechada no conjunto de leis, normas e regras; e outra aberta, cotidianamente apresentada como uma intrincada trama de relações dos envolvidos com

a realidade, incluindo acordos, estratégias individuais ou coletivas de aceitação aos esquemas, que mantém inquestionável uma parte dos problemas, equilibrando uma dialética que, apesar de explicitar mudanças, está atada, sobretudo, às permanências.

Em meio à complexidade desse processo, é possível reconhecer os anseios próprios dos cubanos, propensos a entrelaçar a trajetória pessoal com a trama histórica do país, a qual oscila, de uma forma periódica, entre o passado de lutas, o presente marcado por dificuldades, e os interrogantes do futuro.

Referências

- ACOSTA MATOS, Eliades. *El apocalipsis según San George*. Habana: Ediciones Abril, 2005.
- ALARCÓN DE QUESADA, Ricardo. Introducción a un libro imprescindible. In: TORRERA CRESPO, Ramón; BUAJASÁN MARRAWI, José. *Operación Peter Pan: un caso de guerra psicológica contra Cuba*. Habana: Política, 2000. p. 07-09.
- BAKER, James. *Ruston from dreams to reality*. Houston: Ruston-Baker Educational Instituto, 2007.
- BALIÑO, Carlos. El suicidio de los niños. In: INSTITUTO DE HISTORIA DEL MOVIMIENTO COMUNISTA Y DE LA REVOLUCIÓN SOCIALISTA DE CUBA (Org.). *Carlos Baliño: documentos y artículos*. Habana: Comité Central del PCC, 1976. p. 195-202.
- BRIONES MONTOTO, Newton. *Aquella decisión callada*. Habana: Ciencias Sociales, 2005.
- BUCH, Luis M.; SUÁREZ, Reinaldo. *Gobierno revolucionario cubano: primeros pasos*. Habana: Ciencias Sociales, 2004.
- CANTÓN NAVARRO, José. *Una revolución martiana y marxista*. Habana: Centro de Estudios Martianos, 2008.
- CIRULES, Enrique. *O Império de Havana*. São Paulo: Página Aberta, 1995.
- COMISIÓN DE HISTORIA DEL SINDICATO SNTECD. *Un legado ejemplar*. Historia del sindicato de los educadores: apuntes. Habana: Pueblo y Educación, 2002.
- CUPULL, Adys; GONZÁLEZ, Froilán. *Mariana: Raiz da alma cubana*. Habana: Casa Editora Política, 2017.
- CUPULL, Adys; GONZÁLEZ, Froilán. *Julio Antonio Mella: Biografía*. Habana: Casa Editora Abril, 2010.
- FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, José Ramón. *Un hombre afortunado*. Habana: Casa Editorial Verde Olivo, 2018.
- GUERRA, Aynel Álvarez; RIVERO, Anet Pino. *Análisis jurídico sobre la ilegalidad del bloqueo impuesto a Cuba por los Estados Unidos*. Habana: Ministerio de Relaciones Exteriores de Cuba, 2004. Disponível em: <http://www.cubavsbloquei.cu/Default.aspx?tabid=63>. Acesso em: 22 maio 2023.
- GUERRA VILABOY, Sergio. La Revolución haitiana (1790-1804). In: GUERRA VILABOY, Sergio. *Breve historia de América Latina*. Habana: Ciencias Sociales, 2006. p. 85-91.
- KAPCIA, Antoni. *Cuba in Revolution: a history since the fifties*. Chicago: University of Chicago Press; Reaktion Books, 2008.
- LANDABURO CASTRILL, Maria Isabel. El Pensamiento de Guiteras en la revolución social. *Revista de la Sociedad Cultural José Martí*, n.13, p. 51-58, 2005.
- MARTÍ, José. *Obras completas*. Edición Crítica. Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011. Tomo XVII.
- MARTÍ, José. *Obras completas*. Habana: Ciencias Sociales, 1975a. Tomo XIV.
- MARTÍ, José. *Obras completas*. Habana: Ciencias Sociales, 1975b. Tomo V.
- MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. El poeta y la revolución. In: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *El*

- corrimiento hacia el rojo*. Habana: Letras Cubanas, 2001. p. 163-179.
- MÉNDEZ TOVAR, Carlos. *¿Democracia en Cuba?* La Habana: Editorial José Martí, 1995.
- MONTEJO, Miguel Angel “Carta al Editor”. Tampa Morning Tribune, 12 de septiembre de 1896. In: PÉREZ JUNIOR, Louis A. *Ser cubano: identidad, nacionalidad y cultura*. Habana: Ciencias Sociales, 2016. p. 117 – 118.
- ORTIZ, Fernando. *Los factores humanos de la cubanidad: perfiles de la cultura cubana*. 2002. Disponible em: http://www.perfiles.cult.cu/articulos/factores_cubanidad.pdf. Acceso em: 10 jan. 2023.
- PÉREZ JUNIOR, Louis A. *Cuba en el imaginario de los Estados Unidos*. Habana: Ciencias Sociales, 2018.
- PÉREZ JUNIOR, Louis A. *Ser cubano: identidad, nacionalidad y cultura*. Habana: Ciencias Sociales, 2016.
- PINO-SANTOS, Oscar. *Cuba: historia y economía*. Habana: Ciencias Sociales, 1983.
- RAMONET, Ignacio. *Cien horas con Fidel*. Habana: Oficina del Consejo de Estado, 2006.
- RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. José Martí en Fidel Castro. In: SAXE-FERNÁNDEZ, John. *Yo soy Fidel: pensamiento y legado de una inmensidad histórica*. Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 47-54.
- RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. *Por el camino del mar: los cubanos*. Habana: Boloña, 2005.
- VARONA DOMÍNGUEZ, Freddy. *Humanismo, ideario de José Martí y pensamiento marxista cubano*. Habana: Félix Varela, 2013.
- VITIER, Cintio. *Ese Sol del mundo moral*. Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.